

## Teoria das Representações Sociais no Campo da Economia Solidária: Um Olhar Sobre a Coleta de Materiais Recicláveis

### Social Representations Theory in the Field of Solidarity Economy: A Look at the Recyclable Material's Collection

#### Denis Renato de Oliveira

Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo  
Professor da Universidade Federal de Lavras  
E-mail: denisrenatodeoliveira@gmail.com

#### Filipe Toscano de Brito Simões Correa

Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo  
Analista da Embrapa Gado de Corte  
E-mail: ftbsc@gmail.com

#### Diego César Terra de Andrade

Doutorado em Administração da Universidade Nove de Julho  
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais  
E-mail: contato@diegoterra.com.br

#### João Luiz Passador

Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas  
Professor da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto  
E-mail: jlpassador@usp.br

#### Endereço: Denis Renato de Oliveira

Endereço: Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração e Economia  
DAE / UFLA, Caixa Postal 3037, CEP 37200-000, Lavras MG.

#### Endereço: Filipe Toscano de Brito Simões Correa

Endereço: Av. Rádio Maia nº 830, Zona Rural, CEP 79106-550, Campo Grande, MS.

#### Endereço: Diego César Terra de Andrade

Endereço: Avenida Maria da Conceição Santos nº 900, Bairro Parque Real, CEP: 37550-000 - Pouso Alegre/MG.

#### Endereço: João Luiz Passador

Endereço: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Avenida Bandeirantes, 3900 Monte Alegre, 14040-905 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

#### Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 10/10/2016. Última versão recebida em 07/11/2016. Aprovado em 08/11/2016.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

## RESUMO

A presente pesquisa investiga o fenômeno da representação social em duas organizações da cadeia produtiva da reciclagem, buscando observar e entender a visão que os indivíduos têm de si como trabalhadores e do seu trabalho, possibilitando não somente o entendimento do comportamento humano e da gestão nestas organizações, como também o desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais (TRS) no campo da Administração. A pesquisa, de caráter qualitativo, comparou o conteúdo das entrevistas dos trabalhadores e de seus coordenadores e evidenciou não ser possível encontrar nas representações sociais a mesma complexidade e variedade das agendas atribuídas a estas organizações da economia solidária, pois a compreensão do papel social desta atividade se depara com o comportamento tendencioso e conflitante da realidade, que interpreta e valoriza o mote econômico-financeiro, especialmente a necessidade de geração de trabalho e renda.

**Palavras-chaves:** Teoria das Representações Sociais. Economia Solidária. Materiais Recicláveis.

## ABSTRACT

This research inquires the social representation phenomenon in two organizations in recycling supply chain, trying to observe and understand the vision that individuals have of themselves as workers and their work, enabling not only the understanding of human behavior and management in these organizations but also about the possibility of development of Social Representations Theory (SRT) in the field of Administration. The research, of qualitative character, compared the worker interviews contents and their coordinators and showed not be possible find in the social representations the same complexity and variety of agendas assigned to these organizations of Solidarity Economy, because the understanding of the social role of this social activity are faced with the biased and conflicted behavior of reality, that interprets and enhances the economic and financial motto, especially the need to generate employment and income.

**Keywords:** Social Representations Theory. Solidarity Economy. recyclable materials.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga o fenômeno da representação social em duas organizações da Economia Solidária (EcoSol) – Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Lavras-MG (ACAMAR) e Agentes Ecológicos de Dourados-MS (AGECOLD) – buscando entender a visão que os indivíduos têm de si como trabalhadores e do seu trabalho.

Organizações cooperativas e associativistas são espaços privilegiados para a investigação das representações sociais de trabalhadores, em especial aquelas que buscam seu desenvolvimento a partir da inserção no que se denomina economia solidária. Tais organizações se configuram pela convergência das expectativas de grupos diversificados, cujos motes podem relacionar-se à proteção ambiental, desenvolvimento de cidadania, inclusão social e geração de trabalho e renda.

Embora a coleta e destinação dos resíduos sólidos urbanos (RSU's) seja de responsabilidade das prefeituras municipais, diversos indivíduos – geralmente moradores de rua e/ou desempregados – coletam materiais recicláveis, mesmo que em condições precárias ou sub-humanas, como uma alternativa de geração de renda para si. Por conta disto, é comum se encontrar prefeituras municipais que fomentam o desenvolvimento de organizações coletivas entre este grupo de pessoas. Pensando pelo lado econômico, tais organizações atuam de forma a centralizar a comercialização dos materiais para sucateiros ou aglutinadores, uma espécie de atravessador. Embora sejam exceções, algumas organizações são mais diversificadas e conseguem gerar mais riqueza ao realizar atividades com maior valor agregado.

Uma vez estabelecidas, estas organizações coletivas funcionam também como espaço, fim e/ou meio para promoção de diversas políticas públicas, preenchendo diversas agendas – ambiental, de assistência social, econômica e político ideológica – na medida em que a organização serve, respectivamente, para retirar do meio-ambiente material poluente, como espaço para campanhas e projetos sociais, a fim de gerar trabalho e renda e para emancipar indivíduos por meio de determinadas práticas de produção e gestão.

Tendo em vista os diversos interesses dos trabalhadores (associados) e a influência do seu contexto social, político e econômico, questiona-se: seus depoimentos são reproduções ou foram construções atribuídos a novos significados? Os indivíduos incorporam o discurso de alguma agenda? Ou eles trabalham dois deles ou todos os três, internalizando-os de forma complexa e articulada? A resposta para estas questões possibilitam não somente o

entendimento do comportamento humano e da gestão nestas organizações, como também o desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais no campo da Administração.

Os estudos sobre representações sociais têm seu maior marco teórico na obra “*La psychanalyse: Sonimage et sonpublic*”, de 1961 de autoria de Serge Moscovici. Já, no Brasil, os estudos sobre representações sociais tem seu cerne no artigo de Spink (1993). Desde então, centenas de pesquisas teóricas e empíricas relevantes foram desenvolvidas na área de saúde pública, psicologia social e educação. Entretanto, a representação social, tanto na área organizacional, quanto nas pesquisas em Administração, é um campo de estudos recente e pouco explorado, como apontam os levantamentos bibliográficos realizados para esta pesquisa<sup>i</sup>.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Organizações de triagem de material reciclável: contexto social, político e econômico

Segundo dados do Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE, 2011), mais de 443 municípios brasileiros realizam a coleta seletiva dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU's). Este número corresponde a 8% do total e mesmo que na maioria destas cidades menos de 10% da população municipal seja atendida, ressalta-se que as organizações coletivas de catadores já participam da coleta municipal em 74% destes 443 municípios.

Mais da metade dos municípios (62%) apóia ou mantém cooperativas de catadores como agentes executores da coleta seletiva municipal. Dentre os apoios mais comuns recebidos por estas organizações estão a cessão ou doação de equipamentos, galpão de triagem, pagamento de gastos com água e energia elétrica, caminhões, capacitações e auxílio na divulgação e educação ambiental (CEMPRE, 2011).

Diversos são os fatores que influenciam o trabalhador nas organizações coletivas que trabalham com triagem de RSU's. Segundo Carmo, Oliveira e Arruda (2006), a associação do significado de lixo à sujeira afeta negativamente a identidade destes indivíduos ao moldar o reconhecimento social e a identidade profissional, configurando-se como um verdadeiro “obstáculo à organização dos catadores” (CARMO, 2009, p. 591). A associação dos RSU's à sujeira já foi maior, mas ainda “permanece um desafio não totalmente superado” (CARMO, 2009, p.591). Por outro lado, a semântica positiva do termo lixo – com significado de reciclagem – embora traga um aumento da parcela de pessoas e empresas interessadas em separar os materiais, diminui a proporção daqueles que preferem doar a vender este material.

Isso “não ajuda muito a melhorar condições sociais e econômicas destes trabalhadores, pois aumentam a competição no mercado” (CARMO, 2009, 591).

Os esforços do poder público em apoiar o trabalho dos catadores, segundo Carmo (2009), teriam se originado durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro-RJ. Contudo, os catadores brasileiros tornaram-se objeto de pesquisas científicas e políticas públicas “pelo viés social de geração de renda a partir dos resíduos e não, necessariamente, pelos aspectos ambientais que as permeiam” (CARMO, 2009, p. 592).

Apesar do crescimento dos movimentos ambientais pelo mundo a partir dos anos 1970, no Brasil, as razões para o apoio às organizações de classificação de RSU's recicláveis, aparentemente, são outras. Estas razões seriam derivadas do perfil histórico do trabalhador que vive do lixo e, talvez, também, por conta das 'formas' que estas organizações muitas vezes tomam, e por se tratar de uma atividade intensiva em uso de mão-de-obra. Estes três fatores a tornam especialmente interessantes para políticas públicas, sejam estas efetivas ou demagógicas. O *boom* da reciclagem no Brasil parece ter ocorrido quando a coleta de latas de alumínio de bebidas tornou-se comum entre moradores das ruas das grandes cidades brasileiras e nas cidades que são invadidas por turistas durante o verão. Como o Brasil atingiu altos índices de reciclagem de alumínio no início da década de 2000 –cerca de 90% das latas de alumínio produzidas no país passaram a ser recicladas – estima-se, aqui, que, entre este período e os anos recentes, quando o aquecimento global tomou conta de noticiários, passou-se a olhar e tratar as organizações coletivas de triagem de RSU's recicláveis, objetivando explicitamente fins ambientais. Porém, a maioria dos estudos que fizeram este diagnóstico não apresentaram dados ilustrativos totalmente confiáveis.

No transcorrer destes anos, concomitantemente à expansão da reciclagem no Brasil, um termo que se classifica como uma forma alternativa de produção, gestão e coordenação de relações econômicas produtivas foi cunhado e expandiu-se pelo Brasil. Trata-se da Economia Solidária (EcoSol), que, segundo Moura (2002), abrange tanto uma nova política social, quanto um novo paradigma econômico, sendo que é possível encontrar suporte para os dois sentidos do termo na literatura. Tal situação, invariavelmente, contribui para a dificuldade daquele que está conhecendo este fenômeno. Como nova política social, Moura (2002) enxerga na EcoSol uma proposta mais social, que prioriza a inclusão, os pequenos empreendimentos e os setores à margem dos grandes interesses econômicos. Dessa forma, surge a interseção com a economia popular e a conjunção dos termos noutra denominação também bastante divulgada, “Economia Popular e Solidária”.

Em outro sentido, o termo EcoSol abrange práticas econômicas e formas organizacionais alternativas. Apesar de os contornos não serem claros, pode-se incluir neste segundo sentido, as organizações autogestionárias, algumas organizações coletivas (cooperativas e associações), determinados APL's, redes solidárias de trocas e, mais recentemente, comércio justo. A leitura é que é possível se formar uma cadeia produtiva solidária desde a produção, passando pela distribuição, até atingir o consumo (RAZETO, 1998 *apud* MOURA, 2002; GOMES *et al.* s.d.).

O fenômeno analisado neste estudo pode enquadrar-se em ambos os sentidos ou apenas no primeiro conceito de EcoSol posto por Moura (2002). Na medida em que responde a políticas econômicas passadas excludentes, abarca um setor com pouco valor agregado e movimentação financeira e oportuniza trabalho e renda a desvalidos, desempregados e/ou trabalhadores precários. As organizações em análise neste estudo certamente classificam-se como uma forma de política social.

Tendo em vista o exposto até o momento, nota-se que as organizações investigadas neste estudo são organizações ambientais da EcoSol. A seguir, expõem-se as razões pelas quais estas organizações também são consideradas como organizações político-ideológicas dotadas de capacidade de transformação, via emancipação, de seus trabalhadores e da sociedade.

Ao analisarem as políticas públicas relacionadas à EcoSol que compõe o programa “Economia Solidária em Desenvolvimento” (ESD), da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) do Governo Federal, Calbino, Barreto e Diniz (2011) descreveram que coexistem duas diferentes visões dentro deste mesmo Programa. A EcoSol é posta tanto como uma alternativa para geração de trabalho e renda, quanto como uma proposta emancipatória do sistema atual de produção. Dentre estas, a primeira perspectiva é identificada como preponderante.

Já a possibilidade de emancipação do trabalhador é posta em cheque, por ser proposta via política pública estatal: “assim posto, a Economia Solidária está voltada para os próprios interesses do Estado e do capital e não para os objetivos que a fundamentam” (CALBINO; BARRETO; DINIZ, 2011, p. 141). Trata-se de um antagonismo a proposta de emancipar indivíduos trabalhadores via intervenção estatal, pois, conforme proposto nas políticas do ESD analisadas, estas se caracterizam mais como política “de” Economia Solidária do que “para” Economia Solidária (CALBINO; BARRETO; DINIZ, 2011, p. 141). Dessa forma, como uma política pode intervir na EcoSol e suas organizações e propor-se contra o sistema atual de produção, sendo que fomenta principalmente trabalho e renda

limitada ao escopo do MTE, passando distante do que parece minimamente necessário para promover a emancipação de indivíduos?

Verifica-se que, os autores não esgotaram os questionamentos possíveis a respeito da vinculação da EcoSol à emancipação política dos trabalhadores. Pode-se ir mais longe com tais indagações, se houver a inclusão na discussão das características estruturais desta Secretaria. Mais especificamente, pode-se levantar elementos tais como: (a) a vinculação histórica com o pensamento de esquerda do partido político no governo do País, desde antes do surgimento da SENAES até os dias de hoje; (b) à formação dos quadros diretivos desta Secretaria e o conteúdo dos discursos proferidos pelos seus altos gestores; (c) os materiais de cursos ministrados no âmbito de seus projetos disponíveis em; e (d) a produção acadêmica do principal gestor (e pensador) da SENAES, Paul Singer.

O título de um dos trabalhos de Paul Singer parece ser emblemático neste sentido. Ele proferiu uma conferência, ainda em 1998, intitulada “Autogestão e socialismo: oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão” que foi publicada em Oliveira (2001).

Neste texto, logo após apresentar exemplos de formas de organização e cooperativas como aquelas de trabalhadores, de produção e agrícolas incentivadas pelo MST, e empresas que passaram a ser autogestionárias, escrevem “não há dúvida que este tipo de economia solidária tem amplas perspectivas de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 2001, p.232). Noutro trecho afirma que o “conjunto da economia solidária assim constituída deve ser considerada uma vasta escola de capacitação socialista” (OLIVEIRA, 2001, p. 235); em seguida expõe de forma clara a relação que faz entre economia solidária e ideologia política “O desenvolvimento duma economia solidária vigorosa, extensa e multiforme é um pré-requisito para que a revolução social socialista possa ter sucesso” (OLIVEIRA, 2001, p. 236), pois “não acredito no socialismo que começa com uma conquista de poder por medidas de força política, tentando impor aos trabalhadores e aos cidadãos uma nova forma de se relacionar” (p.236). Assim forma, esta virada precisa acontecer, via acúmulo de experiências produtivas, mesmo ainda inseridas na sociedade capitalista. Por conta da atuação da SENAES baseada nestes conceitos é que parte da confusão com a terminologia e os sentidos da EcoSol no Brasil podem ser atribuídos à SENAES e a Paul Singer.

## 2.2 A Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais foi originada na Europa no final dos anos 50, e tem como marco teórico a obra “*La psychanalyse: Sonimage et sonpublic*”, escrita por Serge Moscovici, publicada em 1961. Esta obra tornou-se referência pela integração dos fenômenos de percepção individuais e coletivos diferindo, assim, das formas psicológicas sociais que são atualmente predominantes nos Estados Unidos (FARR, 2000). No Brasil, o estudo das representações sociais tem ocorrido há menos de 20 anos, tendo como marco o artigo “O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial” (SPINK, 1993).

Como Farr (2000) explica, a teoria das representações sociais possui duas correntes teóricas representadas por F. H. Allport e por Serge Moscovici. Allport recebeu influência norte-americana e, devido a sua escolha por Comte, adota uma filosofia positivista da ciência e se utiliza do modelo individual para explicar os fenômenos no âmbito coletivo. Já os estudos realizados por Moscovici originaram-se na Europa e têm suas bases na Psicologia Social. Resgata em Durkheim o conceito de representação coletiva e, com isso, posiciona-se de forma oposta a Allport, perfazendo uma relação entre o passado e o presente (FARR, 2000). Para Moscovici (1995), as representações sociais têm um caráter interdisciplinar, cuja origem está vinculada à psicologia, sociologia e antropologia, sendo que a teoria das representações sociais conduz um modo de olhar a Psicologia Social que exige a manutenção de um laço estreito entre as ciências psicológicas e as ciências sociais.

A origem das representações sociais remonta à Sociologia, na medida em que Durkheim é, provavelmente, o primeiro a destacar que o social se sobrepõe ao individual. Para este autor, as representações coletivas sobrepõem as representações de cunho individual. O ser humano, como ser dual em sua natureza, “na medida em que participa da sociedade, (...) ultrapassa a si mesmo, tanto quando pensa como quando age” (DURKHEIM, 1978, p.217). Por outro lado, a antropologia – que se consagrou como uma ciência interpretativa de uma dada realidade cultural, por meio do método etnográfico – chamou para si a incumbência de descobrir o que existe nas vivências cotidianas dos indivíduos. Mais recentemente, a psicologia social transformou o conceito em teoria e passou a julgar-se como mais habilitada a dar conta desse campo temático (CAVEDON; PIRES, 2004).

As ideias de Durkheim sobre representações sociais, apesar de antigas, ainda são compartilhadas por uma série de estudiosos (MINAYO, 2000). Segundo Minayo (2000, p. 90), para Durkheim as representações coletivas são fatos sociais e tais quais as instituições e estruturas são passíveis de ser estudadas. De um lado, as representações “conservam sempre a



marca da realidade social onde nascem, mas também possuem vida independente, reproduzem-se e misturam-se, tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social” (MINAYO, 2000, p. 90). Durkheim afirma que “as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam” (1978, p. 79 *apud* MINAYO, 2000, p. 90).

Seguindo a concepção Moscoviciano, Representação Social pode ser definida como um conjunto de fenômenos perceptivos: opiniões, crenças, atitude, que podem ser espelhadas por meio do grupo ao qual o indivíduo pertence, devendo ser estudadas a partir das estruturas e comportamento sociais. A representação é como uma imagem mental da realidade, ou como expressa Minayo (2000), são imagens construídas sobre o real.

As representações sociais surgem na *re*-construção da relação do sujeito com o mundo, ou, falando de outra forma, na *re*-construção da realidade. Segundo destaca Jovchelovitch (2000, p. 78), “o sujeito não está subtraído da realidade social, nem meramente condenado a reproduzi-la. Sua tarefa é elaborar a permanente tensão entre um mundo que já se encontra constituído e seus próprios esforços para ser um sujeito”.

Neste processo, as relações entre mundos de perspectivas diferentes são mediadas pela comunicação; as relações entre necessidades humanas e a natureza são mediadas pelo trabalho e as relações entre a alteridade de um mundo frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana são mediadas pelos ritos, mitos e símbolos humanos (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 81). Estas mediações sociais, em suas mais variadas formas, geram as representações sociais. Nesse sentido, as representações são “[...] uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um modo que, embora pertença a todos, transcende cada um individualmente [...]”(JOVCHELOVITCH, 2000, p. 81).

Tal concepção é compartilhada por Sá (1995), para quem um novo tipo de senso comum surge na modernidade. Caracterizada por novos saberes sociais populares e conhecimentos de segunda mão “cuja operação básica consiste na contínua apropriação ‘das imagens, das noções e das linguagens que a ciência não cessa de inventar’ [Moscovici e Hewstone (1984)] (p. 543)” (SÁ, 1995. p. 29-30). Dessa forma, Representações Sociais referem-se a “um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária no curso de comunicações interindividuais. (...) poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum” (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

Numa determinada coletividade, a representação social tem como papel conferir racionalidade à crença coletiva e sua significação, portanto, aos saberes populares e ao senso

comum. Sendo que elas são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas (MOSCOVICI, 1995).

Moscovici (1978) relata que as representações sociais apresentam-se “[...] como uma forma de guiar o comportamento, e também como tentativa de reconstituir os elementos do meio ambiente em que o comportamento está inserido”. Minayo (2000, p. 110) destaca que as representações sociais “se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, assim, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”. Porém, seu intermédio privilegiado é a linguagem, pois ela reflete as formas de conhecimento e as formas das interações sociais. Como explica Fiorin (1988, p.42-43) “[...] o discurso simula ser individual para ocultar que é social... o indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”.

As representações sociais são teorias de senso comum internalizadas pelo indivíduo para a organização da sua realidade. Nesse sentido, a representação social tem como objetivo tornar familiar o estranho e explicar os fenômenos do ambiente coletivo que o circunda. Não se trata de meras opiniões e atitudes.

A teoria das representações sociais revela-se útil na busca de uma melhor compreensão das práticas coletivas. Por meio do conhecimento de uma representação social torna-se possível um entendimento mais adequado dos processos de constituição simbólica encontrados na sociedade, onde indivíduos se engajam para dar sentido ao mundo e nele construir sua identidade social.

O indivíduo representa algo que lhe é familiar, que compõe o seu meio, mas não é sua produção de primeira ordem. Algo com o qual ele tem contato, está envolto ou perpassa seu mundo. A representação social refere-se ao “posicionamento da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o intuito de construir percepções por parte dos indivíduos” (MOSCOVICI, 1978).

### **2.3 Conversação: TRS e as organizações coletivas**

A pesquisa científica apontou, nos últimos anos, para a necessidade de reciclagem, tratamento de resíduos sólidos urbanos, diminuição na emissão de gases poluentes, como o metano e o dióxido de carbono (encontrados na decomposição do lixo), comércio de créditos de carbono, tecnologias mais limpas de produção e toda sorte de ações fomentadoras de um

desenvolvimento mais sustentável. Isto envolve os RSU e a reciclagem de materiais, o que inclui a cadeia produtiva e as organizações que neste artigo se investiga nesta agenda.

Por outro lado, mudanças econômicas neoliberais implantadas por governos no Brasil desde 1990, ao menos por 10 anos, e mudanças tecnológicas implantadas por empresas desde a década de 1980 geraram excluídos do mercado de trabalho formal, o que acarretou a necessidade de ações públicas de fomento ao emprego, trabalho e renda (BARBOSA, 2007). Porém, nos últimos anos, estas políticas passaram por uma mudança importante. Houve uma mudança de foco de “políticas de emprego para políticas de geração de trabalho e renda”, especialmente numa concepção sustentável-solidária (FRANÇA FILHO, 2006). Nesta nova configuração as organizações coletivas, principalmente as intensivas em mão-de-obra, tal qual as analisadas neste artigo, são destacadas nesta agenda.

Além destas duas agendas pode-se destacar uma terceira, explicitamente ideológica, vinculada à formação de pensamentos e práticas econômicas de produção e distribuição vinculadas ao socialismo e a movimentos de esquerda. Encontradas principalmente em programas e projetos desenvolvimentos, por governos de partidos historicamente associados a estas ideologias e por organizações do terceiro setor (muitas vezes financiadas por recursos públicos), esta agenda inclui as organizações investigadas nesta pesquisa, por conta de sua organização espontânea ou possibilidade de fomento pelos governos locais. Porém, neste contexto, estas organizações costumam ser denominadas de organizações da economia solidária ou empreendimentos econômicos solidários.

### 3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Adota-se um estudo de caráter qualitativo com natureza exploratória. Para Martins (2006), este tipo de avaliação é caracterizado pela descrição, compreensão e interpretação de fatos. Neste sentido, Selltiz *et al.* (1965) comenta que a principal acentuação refere-se à descoberta de ideias e intuições, por isso, seu planejamento precisa ser suficientemente flexível, de modo a permitir a consideração de diferentes aspectos acerca de um mesmo fenômeno.

Esta pesquisa se realiza a partir do estudo de dois casos. A preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada em situações onde é possível fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas. O estudo se caracteriza pela capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2005).

Segundo Woodside (2003), a realização de vários estudos de casos em uma pesquisa é possível quando se quer estimar o tamanho de um efeito (a força desse fenômeno), mais do que generalizar seus resultados para a população. A decisão sobre o número de casos irá depender, então, do grau de certeza que se quer ter sobre os resultados da pesquisa (YIN, 2005). Optou-se, portanto, por organizações acessíveis que estivessem próximas do local de residência dos pesquisadores.

Os dados foram coletados na AGECOLD (Associação dos Agentes Ecológicos de Dourados), estado do Mato Grosso do Sul, no mês de dezembro de 2007 e na ACAMAR (Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do município de Lavras), estado de Minas Gerais, em julho de 2011, por meio de entrevistas semi-estruturadas.

A população considerada para a pesquisa foram os associados das organizações e seus funcionários. A AGECOLD apresenta 11 associados em sua totalidade mas, devido às ausências, realizaram-se apenas 7 entrevistas. Já a ACAMAR apresenta 32 associados, dos quais oito foram entrevistados. Neste caso, deve-se ressaltar a pequena disponibilidade dos associados em participar da pesquisa, devido a política de remuneração baseada no número de horas trabalhadas. Além disso, entrevistou-se o coordenador geral (funcionário) responsável pela ACAMAR. Adotou-se uma amostragem não probabilística por acessibilidade, pois os pesquisadores conheciam as duas associações. As entrevistas foram realizadas por dois pesquisadores diferentes, um em cada associação, com gravação de áudio devidamente autorizada apenas na AGECOLD, sendo necessário fazer as anotações cabíveis no caso da ACAMAR. A duração média das entrevistas na AGECOLD foi de 35 minutos, sendo que a entrevista mais curta durou 16 minutos e a mais longa 43 minutos. No caso da ACAMAR, as entrevistas duraram aproximadamente 27 minutos, sendo a mais curta 20 minutos e a mais longa 32 minutos.

O processo de condução da entrevista foi individual, respondente a respondente. Antes do início de cada entrevista foram passadas algumas orientações para os entrevistados, com as quais se explicou o objetivo da pesquisa e o tratamento sigiloso dos dados pesquisados. As entrevistas foram transcritas e analisadas pelos autores a partir das categorias analíticas (agendas) definidas no referencial teórico.

A interpretação dos depoimentos se deu pelo processo de análise de conteúdo. Freitas e Janissek (2000) afirmam que a técnica de análise de conteúdo permite o aprofundamento dos significados das ações e relações humanas, permite ir além do que se tem como resultado claro e manifesto, logo, pôde-se obter, por inferência, até mesmo aquilo que o entrevistado deixou subentendido.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A AGECOLD

Formada atualmente por onze membros, a COOPERCAT, como era conhecida, foi fundada em 2000 por incentivo da Secretaria Municipal de Assistência Social e Economia Solidária (SEMASES), órgão da Prefeitura Municipal de Dourados – MS. O objetivo inicial desta cooperativa era organizar os catadores, antes excluídos da sociedade e distantes das políticas públicas de assistência social, permitindo a geração de emprego, renda e também a inclusão social de trabalhadores de rua. Após a mudança do seu formato jurídico, que também deu origem ao novo nome, passou a atuar com uma quantidade menor de membros – no início somavam 70 pessoas – porém ainda atua no mesmo local e com o apoio municipal em sua gestão e operação.

Na AGECOLD, o faturamento é praticamente igual ao lucro, já que é responsabilidade da prefeitura arcar com alguns custos fixos da associação, além de ceder o terreno de sua propriedade e ainda investir tecnologicamente em maquinário (prensas, picotadeira de papel, etc.), doando-as à associação.

#### 4.1.1 Representações Sociais do Trabalhador da AGECOLD

A partir das entrevistas realizadas com os associados da AGECOLD, foi possível perceber que a maioria dos trabalhadores são indivíduos que têm baixa escolaridade (ensino fundamental incompleto), com faixa etária entre 20 e 50 anos, naturais de outros estados que, em sua maioria, relatam sofrimentos familiares e financeiros.

Ao ingressar na associação, através de organizações de apoio como a SEMASES ou indicação de familiares, eles sentiram que poderia haver um futuro um pouco melhor, e que esse trabalho poderia dar uma melhor sustentação financeira para suas famílias. Apesar de trabalharem com produtos retirados do lixo, grande parte dos entrevistados se dizem felizes e até realizados com essa condição:

[...] Eu gosto daqui [...] todo mundo é unido, se um tá com um problema todo mundo também tá [...] tomara que não acaba (sic!), quero ficar aqui até ficar "sem dente". (a-E4)

Quando perguntados, aos trabalhadores da AGEOLD se gostavam do que faziam, dizia que sim, que gostava muito, mesmo fazendo um trabalho que exige esforço, empenho, disposição física e força, pois eles carregam, buscam, separam e prensam material. Apesar desta insalubridade, o trabalho realizado parece ser um avanço aos membros da associação, principalmente àqueles que já foram catadores de rua pois, como tal, sofriam com o tratamento que algumas pessoas lhes davam, suposição de que fossem mendigos, o que os faziam sentir-se marginalizados:

[...] Na rua você enfrenta muitas pessoas que falam coisas;às vezes você vai abrir um saco de lixo e ele está rasgado, e a dona de casa vê e começa a falar que você é culpada [...] As pessoas me viam como mendigo, uma pessoa desvalida que não tivesse ninguém (sic!), era isso que eu sentia. (a-E2)

Mas também se pôde perceber que ainda há trabalhador que não se sente à vontade com o seu trabalho em seu meio social particular (família e amigos), constringendo-se perante os amigos:

[...] Os amigos brincam um pouco [...] eles acham que é lixeiro mesmo, falam que eu mexo com lixo, que é muito nojento [...] As meninas falam que meu trabalho não tem futuro, que não tem estabilidade (a-E3)

Este discurso procura relatar a consciência do entrevistado sobre a dificuldade de colocação profissional e falta de opção de emprego, pois o mesmo fazia outras atividades complementares, como panfletagem, ou ajudava nos ofícios de pintura. Por meio das entrevistas foi percebido que muitos dos pesquisados mudaram a visão em relação ao seu trabalho; começaram a perceber que a sociedade também precisa deste tipo de serviço e que sua atividade é extremamente importante para a comunidade. Ambos estão, catadores e sociedade, claramente deixando no passado o preconceito que existia, por trabalharem com “lixo”:

[...] Antes as pessoas não entendiam, não tinham conhecimento, então a gente ficava isolado, antes as pessoas achavam que a gente estava no lixão mesmo, e a gente se sentia lá embaixo[...] porque lixo é aquilo que não aproveita mais, eu lembro que uma amiga me falou que isso (reciclagem) é dar vida aquilo que não tem vida. (a-E2)

O pensamento de que a essência de sua atividade é trabalhar com reciclagem fez com que houvesse uma significativa melhora na autoestima. Muitos não se sentem mais como catadores e sim como agentes ecológicos – termo que neste grupo advém do próprio nome da Associação. Este novo modo de pensar foi adquirido aos poucos, pois muitos dos entrevistados relataram que nem sabiam direito o que era reciclagem, e que quando tiveram a

oportunidade de aprender, fizeram questão de explicar para as pessoas o que eles fazem, diminuindo o preconceito.

Como agentes ecológicos separadores de lixo (termo utilizado pelos próprios trabalhadores) vêm se tornando donos de novas habilidades e conhecimentos e, assim, conhecedores de um novo ofício pois, como prediz a função, precisam separar por tipo de material (plásticos, papéis e papelões), o que aos olhos do leigo não parece significativo ou não se faz necessário.

Essa conscientização representa o marco inicial de adesão e criação de valores, pois a maioria dos entrevistados – especialmente os mais antigos – não acha o seu trabalho apenas importante pela questão salarial e complementação da renda familiar, mas se sente confortável em falar sobre sua relação com o meio ambiente:

[...] Tem muitas pessoas jogam seu lixo pro lixão, muitas coisas que reaproveita, se tantas pessoas trouxerem seu lixo pra cá, e a gente reaproveita esse lixo, acho que a natureza vai ficar mais limpa [...] então eu acho assim que seria bom pra todo mundo. (a-E4)

A compaixão se colocou como elemento principal, quando questionados sobre a inclusão social de catadores de rua na AGECOLD, especialmente pelo fato de muitos terem vivenciado, num passado não tão distante assim, essa realidade da “vida na rua”, termo comumente usado por eles. No entanto, pode-se observar certo temor, dados os frequentes problemas de alcoolismo, drogas e desajustamentos sociais diversos que estas pessoas possuem. Isto ainda tem relação com suas experiências passadas:

[...] Os catadores são bem problemáticos, são pessoas que não conseguem mais serviço que não tem nada, alguns bebem outros usam drogas, ninguém vai dar emprego pra essas pessoas [...] então é difícil porque daí se eles têm esses problemas, assim eles vai trazer (sic!) esses problemas aqui, para um grupo que está começando a organizar, porque a maioria tem problema, e é uma vida muito sofrida. (a-E6)

Mesmo sabendo de todos os problemas, eles gostariam que os catadores de rua fossem ajudados, porque acreditam que, por meio de tratamento médico e psicológico para alguns casos, seria possível seu reenquadramento social. De fato, torna-se notório o sentimento de fraternidade, especialmente dos membros mais antigos da AGECOLD, quando se lembram, individualmente, da oportunidade que tiveram na vida:

[...] Eu acho que pra eles se tornarem da associação precisaria de um tempo, deveria ter um trabalho pra esse pessoal, pra eles irem organizando, entrando no ritmo da gente, para que mais tarde eles virem associados [...] Tem que ser bem devagarinho pra eles se engajar, por que com certeza eles têm tudo pra mudar de vida. (a-E2)

Pouco tempo antes da coleta de dados, a organização estava com apenas seis membros associados que desde então, recebiam pela divisão do lucro da venda do material. Após a incorporação de mais cinco pessoas, iniciou-se uma série de conflitos internos, pois estes membros, que recebiam bolsas salário da prefeitura e deixaram de receber este auxílio não compuseram o quadro de associados que recebem pela quantidade produzida pelo grupo.

Os membros da AGEKOLD são desde ex catadores de lixo, pessoas que viviam de atividades de renda complementar, até donas de casa. Apenas dentre os seis membros mais antigos existem ex catadores de lixo de rua.

Embora já tenham ocorrido diversas mudanças na estrutura gerencial da AGEKOLD, recentemente, a prefeitura de Dourados nomeou uma coordenadora que, a partir de então cumpre expediente no local da associação para assessorá-los em quase todos os quesitos administrativos e operacionais:

[...] Antes da supervisora entrar teve muito problema, faltou salário, as vezes um conversa mais, e outro já fala, e outro quer mandar mais, vira um tormento. Uma duas semanas atrás a coordenadora fez uma reunião e as coisas deu (sic!) uma melhorada, porque ela cobra muito, ela diz a hora que a gente tem que conversar [...] Esses pessoal que trabalha aqui catadores e agentes... é o seguinte a gente nascemo e criemo (sic!) no sitio a maioria, então a gente faz as coisas pensando que esta fazendo certo, mas não ta [...] a gente não tem noção de trabalhar em grupo, em firma, por isso a coordenadora ajuda bastante. (a-E6)

Durante as entrevistas foi possível perceber as mudanças que ocorreram na associação após a nomeação da coordenadora; e os associados, em sua grande maioria, estão satisfeitos por serem gerenciados por um profissional:

[...] Depois que a coordenadora entrou melhorou muito, porque ela sabe conversar com as pessoas [...] e ela fala mesmo, fala o que precisa, então tem muita gente ajudando agora com doações de materiais [...]. Ela é uma mulher guerreira, ela veio mesmo pra ajudar, tá ajudando bastante. (a-E6)

Outro associado afirma sentir a falta de uma “doutrina” para com os trabalhadores, ou seja, uma política de gestão com regras claras e definidas, horários de trabalho, cobranças e supervisão, assim como na empresa privada em que já trabalhou. Um terceiro afirma:

(...) quero continuar sempre fazendo a mesma coisa , sempre na minha balancinha" (a-E4)



A maioria dos trabalhadores afirma que para a AGECOLD continuar funcionando corretamente, internamente e em sua relação com a comunidade local e empresas doadoras, é necessário que sempre tenha alguém da prefeitura para administrar e organizar:

[...] Eu acho que tem que decidir as coisas são as pessoas da prefeitura, realmente se ficar na nossa mão não dá certo, vai faltar dinheiro para pagar água, luz, [...] porque nós não sabe nada, nem tocar nada, a gente só sabe trabalhar, o pessoal da prefeitura está sendo mais que um pai e do que uma mãe, isso eu digo mesmo de coração[...] por isso tem que ser alguém que sabe, a coordenadora sabe lidar com as coisas e pessoas. (a-E2)

Dentre os trabalhadores que estão há mais tempo na AGECOLD e hoje continuam associados houve um certo desconforto com a entrada de novos membros, tanto no que tange as relações interpessoais, como ao trabalho:

[...] Esse grupo novo que entrou, enquanto tem uns dois que são esforçados gostam de trabalhar tem uns outros três que carrega as coisas nas "coxas", tem que ficar falando fulano faz isso [...] as vezes eles se ofendem, ou trabalha e faz, uns são lentos demais, porque eu sei que eles trabalham pensando no salário, mas a gente tem que mostrar o trabalho da gente, eu penso dessa forma, mostrar o trabalho. (a-E2)

A visão do grupo mais antigo demonstra que eles querem fazer com que os recém integrados à associação demonstrem vontade de trabalhar, que façam por merecer algo que receberam, com luta e sofrimento. O próprio grupo sente essa pressão:

[...] Eu gosto de trabalhar, mas aqui da muito desgosto, é um querendo "comer o outro" entendeu? [...] porque as vezes um dá muito palpite, todo mundo quer mandar, um fala uma coisa outro fala outra, daí fica aquele "pé de guerra". (a-E5)

Reflexo desta nova dinâmica interna é que a produção total destes associados, em novembro de 2007, diminuiu, apesar de a oferta de material a ser separado ter se mantido. Prováveis razões para esta queda de rendimento são a diminuição do ritmo e envolvimento com o trabalho dos antigos associados, por esperar que os novos cubram esta falta e demonstrem capacidade e envolvimento, sejam merecedores, além da clara necessidade de treinamento para os novos associados, que não compreenderam as diferenças entre os tipos de materiais e sua separação.

A organização da produção mudou com a entrada dos novos associados. A separação do material passou a ser feita sempre com a presença conjunta de um antigo membro e um novo associado para que o último aprenda com a observação e explicações do primeiro, o que, por sua vez, implica numa relação de poder clara e manifesta.

## 4.2 A ACAMAR

A ACAMAR surgiu em 1993, devido aos trabalhos de educação ambiental realizados por estudantes da Universidade Federal de Lavras (UFLA), estes, vinculados à Fundação Pró Defesa Ambiental (FDPA). O objetivo inicial da proposta consistia em mobilizar a comunidade e as escolas municipais para melhorar, por meio da implantação de hortas comunitárias, a alimentação de crianças carentes. Esse movimento fez estender para os pais dessas crianças o “Programa de Coleta Seletiva de Lixo, Associativismo e Educação Ambiental em Lavras - MG”, com o intuito de gerar emprego e renda para estas famílias.

O faturamento da associação é aproximadamente de R\$ 35.000 (trinta e cinco mil reais) e sua divisão obedece à ordem de 60% para as fibras vegetais (papéis) e 40% para os demais materiais recicláveis coletados. Todas as despesas são arcadas pela própria instituição, que apresenta uma estrutura administrativa composta por três funcionários contratados: coordenadoria geral, coordenadoria de gestão ambiental e secretaria executiva. Existe ainda, um total de seis estagiários (estudantes de biologia do Centro Universitário de Lavras) que, atualmente, são remunerados pelo projeto de Fortalecimento do Programa de Coleta Seletiva, Associativismo e Educação Ambiental promovido pelo governo de Minas Gerais.

### 4.2.1 Representações Sociais do Trabalhador da ACAMAR

Da mesma forma que na AGEKOLD, percebe-se que a maioria dos trabalhadores da ACAMAR são indivíduos que têm baixas renda e escolaridade, que vieram da lavoura em busca de oportunidades.

[...] A ACAMAR prioriza a falta de qualificação profissional, mães solteiras e pessoas de arrimo, baixa renda. Tivemos caso de pessoas com 2º grau completo que viram pedir emprego, estas pessoas têm melhores oportunidades no mercado. Primeiro a gente faz o cadastro de fichas de interessados, mas priorizamos indicações. (b-E8)

Além de seu coordenador, os membros da ACAMAR ainda relatam a "indicação" como o principal meio de ingresso e descrevem a identificação com a atividade desenvolvida um elemento importante na definição sobre a continuidade na associação. Apenas um membro antigo disse ser ex-catador de lixo do aterro sanitário.

[...] Eu tava na colheita de café e daí o café acabou, então eu fui convidada para trabalhar aqui. Foi assim, eu recebi um telefonema para limpar o galpão e vim, eles gostaram do meu serviço e eu gostei do lugar (b-E2).[...] Eu saí do lixão e vim pra

cá. O coordenador que me fez o convite para conhecer o trabalho, vim um dia, trabalhei, gostei e acabei ficando por aqui mesmo. (b-E4)

O sentimento único de que poderia haver um futuro melhor, em termos de sustentação financeira para suas famílias se alia à percepção de importância ambiental que sua atividade tem para a sociedade. Nesse sentido pode-se notar uma grande identificação com o trabalho:

[...] Graças a Deus aqui eu já consegui construir minha casa e hoje tenho uma vidinha boa (b-E5).[...]Como falei, na roça o serviço acaba de uma hora pra outra, aqui é direto. A gente tem uma garantia que depende só da gente e das pessoas né!?(b-E2)

Quando questionados sobre o que faziam, os associados relatavam se identificar e gostar muito do trabalho. Embora o esforço exigido fosse alto, precisasse de disposição física e de força para exercer as atividades de triagem, uma questão importante foi identificada, a predisposição para a colaboração no ambiente de trabalho. Em diversos momentos foi preciso interromper a entrevista pois, mesmo aqueles que se encontravam em seu período de descanso, o deixavam para ajudar o colega em uma tarefa mais difícil. Da mesma forma, a cobrança e a flexibilidade também puderam ser notadas com facilidade. Questionados sobre isso disseram:

"(...) aqui tem que ter união. Se não tiver união não tem associação" (b-E5).

Outro ponto que merece ser ressaltado se refere ao profissionalismo e a motivação para o trabalho, o que pode ser explicado pela cobrança mútua entre eles. Por mais que exigisse empenho, os associados em nenhum momento se queixaram das atividades desenvolvidas, pelo contrário, pediam para encerrarmos a entrevista devido a necessidade de voltar ao trabalho, pois o período de descanso havia acabado.

O trabalho realizado trata-se de uma profissão como qualquer outra para os membros da associação, que relataram não possuir vergonha ou constrangimento da atividade que exercem, ao contrário do que relatam alguns associados da AGECOLD. Isso, mais uma vez, ressalta o pensamento interno da responsabilidade do trabalho para o bem da comunidade, que reconhece e valoriza essas pessoas, ajudando-as com maior intensidade:

[...] Hoje, a participação da sociedade é maior porque antigamente as pessoas não separavam o lixo. Hoje em dia têm essa consciência e separam. Os estagiários é que fazem essa mobilização passando nas casas e explicando o nosso trabalho e a importância dele. Antes a gente fazia, ainda faz, mas menos. Com os estagiários é melhor porque a gente se dedica aqui, na coleta, separação e prensa. (b-E1)

Como mencionado, alguns associados ainda atribuem esse respeito pela atividade desenvolvida à atividade de mobilização que os estagiários exercem junto à população. Isso é importante não apenas para que haja uma maior dedicação dos associados às atividades de triagem, que possui impacto direto sobre sua renda, como também para a conscientização das pessoas sobre a forma correta de separar o lixo. Assim, um associado relata ser extremamente importante que a sociedade tenha conhecimento e saiba fazer corretamente a separação. Isso garante agilidade, fazendo com que haja maior espaço para coleta, aumente a renda da associação e permita maior limpeza urbana.

[...] Quanto mais a gente conscientiza as pessoas sobre a importância da coleta seletiva e da reciclagem não é que vai diminuir a quantidade de material gerado, mas o material virá mais limpo, o que diminui nosso trabalho e aumenta o valor pago pelas empresas, podendo até aumentar nosso salário. É bom também pela questão do espaço, porque aqui ainda é pequeno demais. (b-E7)

Quando questionados sobre o aumento da coleta e da possibilidade de aumento da renda, relacionada ainda ao ingresso de um maior número de associados, foram relatados dois grandes problemas ou dificuldades da associação: a falta de recursos para expansão e o baixo valor ou a oscilação atribuída aos materiais coletados para reciclagem.

[...] As principais dificuldades estão relacionadas a captação de recursos financeiros para expansão do programa. Precisamos de um espaço maior e uma maior quantidade de caminhões, além da necessidade de iniciar a construção do novo galpão no terreno que foi ganhado no Distrito Industrial (b-E8) [...] A gente tem intenção de conseguir mais associados, mas pelo preço que a gente ganha não. Queremos mais porque temos muito material aqui e ainda na cidade que não está sendo coletado. Poderíamos recolher bem mais material. (b-E1)

Questionado sobre as ações da ACAMAR para contornar os problemas relacionados à variação dos preços praticados pelas empresas que compram os materiais recicláveis, o coordenador geral relatou a necessidade de intensificação das ações de conscientização da sociedade para a separação correta de materiais e também, a atividade de cotação e pesquisa de compradores:

[...] Nós temos feito algumas cotações de compradores para aumentar as possibilidades de negociação. Além disso, precisamos mobilizar mais as pessoas para a questão da diminuição das misturas de materiais, o que diminui o nosso lucro. (b-E8)

Um dos associados fez uma análise bastante interessante e que se coloca como uma possível solução para os problemas de distribuição da renda e aumento ou crescimento da atividade de coleta. O associado, que possui ensino fundamental incompleto e que participou

recentemente do curso promovido pela CATAFORT (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis), sugeriu a criação de dois turnos de trabalho para dar vazão à quantidade de materiais acumulados no galpão e aumentar as possibilidades de crescimento em renda e volume.

[...] Na minha consciência eu vejo que tem que crescer né?! Mas precisa de espaço para isso. Mas nós não precisamos reclamar, pois coletamos 70 toneladas de materiais por mês e se passássemos para 2 turnos poderíamos conseguir crescer sem aumentar o espaço daqui. Hoje pegamos no serviço as sete e meia (7:30h) e paramos por volta das duas (14h). Poderia organizar para um horário das quatro da manhã (4h) até as duas (14h) e desse horário até as dez da noite (22h). (b-E3)

A passagem abaixo relata a importância da participação dos associados nos cursos promovidos pela CATAFORT, e ainda destaca a questão da mobilização em “rede” como alternativa econômica para o desenvolvimento territorial.

[...] O material da associação é vendido para a COPAMIG e Paraibuna, que são atravessadores. O curso do Movimento nacional dos catadores de matérias recicláveis mostrou que isso atrapalha a gente e que precisamos nos unir. O intuito do curso que participamos é mobilizar as associações do sul de minas para montar uma rede para agregar valor ao produto e venda direta para as indústrias. (b-E7)

O discurso de preocupação ecológica e da reciclagem como alternativa ambientalmente correta é extremamente forte entre os associados. No entanto, essa informação é contrastante à opinião do coordenador da associação pois, embora os trabalhadores estejam engajados no discurso ambiental, possuem, em si, um maior apelo financeiro na opção pela atividade. O que se relatar é uma apropriação convincente dessa temática, que pode explicar a motivação para os trabalhos, sobretudo na conscientização da sociedade, como uma de suas principais responsabilidades no papel de consultor ambiental.

[...] Em um primeiro lugar, toda campanha de conscientização tem um apelo social de inclusão, de geração de emprego e renda, depois pensamos na questão ambiental. Os próprios associados não têm essa responsabilidade ambiental, pois eles mesmos não fazem a coleta seletiva em casa, não separam o material. (b-E8)

O trabalho na ACAMAR é distribuído de forma igualitária entre os associados e obedece a uma escala de trabalho e rodízio previamente estabelecidos pelo coordenador geral, com exceção dos motoristas, exclusivos na função. Já o ingresso de novos associados obedece ao regimento interno da associação, assim como todas demais decisões administrativas como desligamento e pagamento, que se vinculam à votação e aprovação em assembleias gerais promovidas uma vez por mês.

A ACAMAR funciona há 18 anos e toda sua estrutura foi constituída por doações. Embora sobreviva com recursos próprios, algumas contribuições foram importantes para a formação da associação. A contribuição da Prefeitura de Lavras, que contrata e remunera a associação pelas toneladas de material reciclado coletado na cidade; da UFLA, que doou o terreno onde se localiza o galpão e a sede, recolhe materiais recicláveis e possibilita o empréstimo de sua infraestrutura para realização de palestras e eventos; e das empresas que contribuem com a doação de materiais e também com a contratação dos serviços de consultoria e arborização.

### 4.3 Análise Comparativa dos Casos

ACAMAR tem maior profissionalismo na sua gestão e organização do trabalho. Sua gestão também é mais coletiva e participativa, apesar de muitos membros terem sido, de uma forma ou outra, escolhas do coordenador do projeto (não associado). Esta talvez seja uma das causas de hoje existir menor saída de associados que no passado. Nota-se maior domínio dos fatores econômicos que influenciam o negócio da reciclagem e maior clareza do papel que o trabalho deles tem para si próprio e para a sociedade. Neste sentido a fala de um dos associados é emblemática do quão bem ele elabora as representações que faz do próprio trabalho realizado e a visão que ele acredita que a sociedade tem do mesmo:

[...] Quanto mais a gente conscientiza as pessoas sobre a importância da coleta seletiva e da reciclagem não é que vai diminuir a quantidade de material gerado, mas o material virá mais limpo, o que diminui nosso trabalho e aumenta o valor pago pelas empresas, podendo até aumentar nosso salário. É bom também pela questão do espaço, porque aqui ainda é pequeno demais”. (b-E7)

Na ACAMAR existe rodízio entre as funções desempenhadas, dessa forma o trabalho do associado fica menos repetitivo e alienante. Na AGEKOLD há uma especialização maior do trabalho. A mudança de função não é comum e nem sistematizada. A separação, prensa e enfardamento costumam ficar a cargo das mesmas pessoas. Algumas pessoas, especialmente as lideranças, variam mais de função. Esta diferença permite aos trabalhadores da ACAMAR maior sensibilidade para entender os negócios.

Na ACAMAR notou-se que os associados representam a si mesmo com maior autonomia interna e capacidade de construir seu próprio futuro do que na AGEKOLD. “A gente tem uma garantia que depende só da gente e das pessoas (separarem o lixo)” disse uma associada da ACAMAR, enquanto associados da AGEKOLD compartilham uma visão mais

dependente do Estado e assistencialista, ao reclamarem toda forma que eles parecem conhecer de auxílio estatal (bolsa, doação de equipamento, dentre outros) e principalmente ao expor-se como dependente de um comando externo e de regras claras (“doutrina”).

De forma geral, Lavras parece dar maior suporte a ACAMAR do que Dourados dá a AGECCOLD. Talvez pela sua origem na educação ambiental, e as constantes campanhas de esclarecimento e sensibilização da população realizada por acadêmicos e algumas vezes com participação dos associados, a ACAMAR parece ser do conhecimento de parte relevante da sociedade de Lavras, pois como afirmou um entrevistado “as pessoas agradecem e reconhecem seu trabalho. Elas ajudam e perguntam o que podem fazer porque sabem que o trabalho é importante”. Em Dourados, o bairro em que está sediada a AGECCOLD pouco a conhece segundo os relatos. Na fala dos associados vê-se apenas a figura do Estado, via prefeitura e SEMASES, empresas privadas, e mais fortuitamente, a universidade (pelo volume de material recolhido de lá, não por pesquisas e extensão), não sendo mencionado espontaneamente o entorno.

As representações dos trabalhadores da ACAMAR estão notadamente mais alinhada as propostas que compõem a agenda ambiental e justificam seu papel para a sociedade. Porém, nota-se que eles próprios não são indivíduos que fazem escolhas pessoais mais ambientalmente corretas. Na AGECCOLD, os trabalhadores também não se mostram preocupados com tais ações em sua vida pessoal, porém, entre os trabalhadores desta organização, não há bem organizada uma perspectiva única em suas falas. Também, nota-se que a postura extremamente dependente de outros atores implica numa dificuldade de representar papéis diferentes para si mesmo na sociedade senão de alguém depende.

A formação das duas associações tem atores diferentes, mas exercem o mesmo papel de fomentador e articulador. Em Lavras, a UFLA desempenhou este papel por meio de uma agenda ambiental. Em Dourados, a Prefeitura Municipal, via Secretaria Municipal de Assistência Social e Economia Solidária (SEMASES), o fez por meio de uma política pública de inclusão social e geração de trabalho e renda.

No início em Dourados, a COOPERCAT foi formada por diversos membros drogadiços que não prosseguiram na organização, , neste início, programas para reabilitação destes indivíduos e uma articulação com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município aconteciam. Em lavras, a UFLA deu inicio a ACAMAR via articulação de discentes que geraram uma fundação que contratou um coordenador, o qual selecionou os trabalhadores, sendo estes poucos ex-catadores de ruas ou do aterro controlado do município e

muitos ex-trabalhadores rurais. Neste sentido pode-se questionar até que ponto a ACAMAR é inclusiva e um projeto que se utiliza de todo seu potencial social.

Em ambas as associações são comuns casos de associados que as deixaram por não se adequarem ao trabalho associativista, no qual a renda vai depender do desempenho e preços de mercado. Na AGEKOLD já houve associado que se referia a mesma como “firma”, num claro exemplo de uma visão de empregado e não de associado. Este associado ficou pouco tempo na associação e ainda a processou.

Em ambas, membros atuais são cautelosos quanto à entrada de novos membros na associação: “a gente tem intenção de conseguir mais associados, mas pelo preço que a gente ganha não” disse uma associada da ACAMAR. Um membro antigo da AGEKOLD revela:

[...] Os catadores são bem problemáticos, são pessoas que não conseguem mais serviço que não tem nada, alguns bebem outros usam drogas, ninguém vai dar emprego pra essas pessoas [...] então é difícil porque daí se eles têm esses problemas, assim eles vai trazer (sic!) esses problemas aqui, para um grupo que está começando a organizar, porque a maioria tem problema. (a-E9)

Hoje, em ambas as organizações existem membros com a clara visão que a aceitação de novos associados só será benéfica para eles se agregarem em faturamento, senão a renda diminuirá. Não se conseguiu identificar na pesquisa de campo se esta concepção mudou com o passar dos anos. A suposição é de que, no início, a preocupação com a inclusão dos indivíduos era uma prioridade inclusive entre seus pares. Hoje a prioridade é na sobrevivência da própria organização e na ampliação dos ganhos dos associados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a grande maioria dos trabalhadores de ambas organizações são simples e não apresentam outras opções de vida mas, ao contrário do que se imagina, se consideram felizes em seu ambiente profissional.

Alguns catadores vêem estas organizações como sua própria casa e os associados como uma família; isso reflete uma evolução no processo de formação destas associações quanto à identificação e ao grau de aceitação desta atividade como profissão, e esta está diretamente relacionada à dignidade e reconhecimento social, e não apenas ao mote econômico-financeiro. Os trabalhadores deixam de se associar à sujeira e ao lixo e incorporam um discurso também social e ambiental.



De forma geral, o presente estudo debruçou-se sobre as representações sociais que o associado da AGEOLD e da ACAMAR faz do mundo que envolve sua atuação e sua organização. Observam-se, mais especificamente, as representações sociais que os catadores fazem de si próprio do que do seu trabalho em si.

Esta limitação trata-se de uma questão da organização do trabalho destes catadores e de gestão organizacional pois, sem um entendimento dos elementos que estruturam o comportamento humano e dos modelos gerenciais adotados, não se pode compreender o vínculo do indivíduo com a organização. Nas falas dos trabalhadores associados procura-se identificar com que agenda as representações sociais podem ser identificadas e entendidas. Estas falas são reproduções ou foram reconstruídas, atribuindo-se a elas novos significados? Estes indivíduos incorporam o discurso de uma destas agendas? Ou eles trabalham dois deles ou todos os três, de forma a internalizá-los de forma complexa e articulada? Estas são questões pertinentes que se buscou responder com a pesquisa de campo.

Embora tenha sido feito um estudo qualitativo e exploratório, os dados não foram suficientes para permitir uma análise conclusiva a respeito do grau de incorporação de cada um dos discursos nas representações construídas pelos indivíduos destas organizações. Assim, pode-se traçar apenas os contornos das representações sociais destes trabalhadores e a que agendas eles reproduzem pois, a compreensão do papel social desta atividade apresentada pelos seus discursos se depara com o comportamento tendencioso e conflitante da realidade, que interpreta e valoriza o mote econômico-financeiro, especialmente a necessidade de geração de trabalho e renda.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, R. N. C. **A economia solidária como política pública**: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil. São Paulo: Cortez, 2007.
- CALBINO, D; BARRETO, R; DINIZ, A. P. P. Economia Solidária e Políticas Públicas: uma aproximação possível, mas desejável? **Gestão Contemporânea**. Porto Alegre, ano 8, n.9, p. 129-154, jan./jun. 2011.
- CARMO, M. S. F; OLIVEIRA, J. A. P; ARRUDA, R. G. L. O trabalho com resíduos pelos classificadores - o papel da semântica do lixo no reconhecimento social e identidade profissional. In.: Encontro Anual da ANPAD (XXX : 2006 : Salvador). **Anais...** Salvador : ANPAD, 2006.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis—considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, n. 4, Rio de Janeiro, p. 591-606, Dez. 2009.

CAVEDON, N. R; PIRES, R. P. “O Pão Nosso de Cada Dia”: as Representações Sociais sobre a Vida Familiar e Profissional dos Trabalhadores na Indústria da Panificação In.: Encontro Anual da ANPAD (XXVIII : 2004 : Curitiba). **Anais...Curitiba** : ANPAD, 2004.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM. **Pesquisa Ciclosoft 2010**. Disponível em: <[http://www.cempre.org.br/ciclosoft\\_2010.php](http://www.cempre.org.br/ciclosoft_2010.php)>. Acesso em: 03.04.2011.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura ... [et al]. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In.: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 31-61.

*FIORIN*, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988;

FRANÇA FILHO, G. C de. Políticas públicas de economia solidária no Brasil. In: FRANÇA FILHO, G.C de; LAVILLE, J-L; MEDEIROS, A e MAGNEN, J. P. (Orgs.) **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 259-67

FREITAS, H.; JANISSEK, R. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, 176p.

GOMES, F. P; KLEIN, M. J; STEFFEN, M; MARIANI, S. **Módulo 2 – Introdução a Economia Solidária**. Curso de formação em economia solidária, Projeto Casa Brasil. Brasil: Casa Brasil, sem ano. Disponível em: <<http://www.casabrasil.gov.br>>. Acesso em: 04.08.2011

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In.: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 63-87;

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: Uma estratégia de pesquisa**. 1ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.102 p.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In.: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 89-111.

MOSCOVICI, 1995. Prefácio. In.: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07-16

MOURA, M. S. Gestão do Desenvolvimento Local, Economia e Solidariedade. In.: FISCHER, T. **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais**: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade, 2002, p.331-341.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M., COOK, S. M. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./sep. 1993.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman. 2005.

WOODSIDE, A.G.; WILSON, E. J. Case study research methods for theory building. **Journal of Business & Industrial Marketing**, vol 18, n. 6/7, p. 493-508, 2003

<sup>i</sup>Foram pesquisados os anais dos eventos da Anpad (EnANPAD, 3Es, EnEO, Simpósio, EnADI, EMA, EnAPG, EnGPR, EnEPQ). No processo de busca encontrou-se 41 ocorrências, sendo 33 por “representações sociais” e 8 por “representação social” nos 46 eventos que aconteceram no período. Constando um número menor que um artigo por evento. Ressalta-se, no entanto, que os eventos da área contabilizaram uma média de aprovação maior que uma centena, ao passo que o Encontro anual da ANPAD somou mais de um milhão de aprovações. Noutra pesquisa, seguindo os mesmos critérios, encontrou-se nos periódicos do *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) apenas 89 artigos científicos. Este periódico possui em suas bases 607 periódicos brasileiros e 53 portugueses.

#### Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OLIVEIRA, D. R; CORREA, F. T. D. S; ANDRADE, D. C. T; PASSADOR, J. L. Teoria das Representações Sociais no Campo da Economia Solidária: Um Olhar Sobre a Coleta de Materiais Recicláveis. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.1, art.1, p. 03-29, jan./fev. 2017.

Contribuição dos Autores	D. R. Oliveira	F. T. D. S. Correa	D. C. T. Andrade	J. L. Passador
1) concepção e planejamento.				X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X			X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X		X	X